

A Companhia das Letras está lançando *Clientes demais* do americano Rex Todhunter Stout



O romance, protagonizado pelo detetive Nero Wolfe, criado em 1934, é extremamente divertido

Um gordo e bizarro detetive

A editora Companhia das Letras está lançando um romance policial extremamente divertido: *Clientes demais*. O autor é o escritor norte-americano Rex Todhunter Stout, nascido em 1886 e falecido em 1975, aos 88 anos de idade.

Rex Stout não era um grande escritor. Estreou na literatura em 1929 e não chegou a ser reconhecido como autor significativo. Teria ficado no anonimato e estaria hoje provavelmente esquecido se não tivesse criado um personagem extraordinariamente pitoresco: o gordo detetive particular Nero Wolfe.

Nero Wolfe apareceu pela primeira vez num romance que Rex Stout lançou em 1934, intitulado *Fer de lance*. Apoiado em suas qualidades de fino observador, em seus vastos conhecimentos científicos e em sua auro de genialidade, o obeso investigador desmascara o assassino do reitor de uma universidade, que havia sido atingido pelo veneno de uma cobra sul-americana, a *Bothrops Atrox*, também conhecida como "Fer de lance".

Depois dessa estréia, Nero Wolfe passou a reaparecer com frequência na literatura de ficção de Rex Stout; veio a ser o herói de 46 romances e 16 livros de contos do autor estadunidense.

Desde sua primeira aparição, Nero Wolfe apresenta as características bizarras que os leitores se divertem em encontrar nos volumes posteriores. Ele pesa cerca de 280 libras (o que corresponde a quase 130 quilos); adora comer bem; e bebe, por dia, 5 a 6 litros de cerveja. Mora num casarão de cor marrom, situado na Rua 35 Oeste, em Nova York. Dedicava 10 horas pela manhã e 2 horas na parte da tarde ao cultivo das suas 10 mil orquídeas, instaladas no quarto andar da residência e entregues aos cuidados profissionais permanentes do jardineiro Theodor Horstmann.

Raramente Nero Wolfe sai de casa. Está acostumado à comida que um refinadíssimo cozinheiro suíço - Fritz Brenner - lhe prepara. Quando se anima a sair (nunca a serviço!), vai ao Restaurante Rusterman's, de seu amigo de infância Marko Vukcic.

Para poder preservar seus hábitos, o detetive mantém sob contrato um assistente bem-apeado de nome Archie Goodwin, cujo talento aprecia, mas com quem tem discussões frequentes. Nero Wolfe não é nada comunicativo, não aprecia a companhia dos seres humanos em geral, e demonstra especial impaciência em relação às mulheres. Num dos volumes de suas aventuras, ele diz para seu assistente: "Ter você comigo é um alívio, pois me lembra sem-

pre o sofrimento que seria ter em minha companhia alguém - uma mulher, por exemplo - que eu não pudesse mandar embora".

Archie Goodwin, por sua vez, é um detetive esperto e eficiente; não tem nenhuma das características daquele lerdo Doutor Watson que funcionava como interlocutor de Sherlock Holmes. O assistente não se deixa inibir pela aura de genialidade do patrão e deixa transparecer um robusto senso de humor em sua maneira de lidar com o chefe. Num áspero diálogo que tem com um assassino que Nero Wolfe está desmascarando, Archie Goodwin ouve o bandido invectivar o "saco de banha" e o adverte para não se referir ao mestre em termos tão depreciativos; diz ao gângster: "Nele não há banha; o que você vê é puro músculo. Você precisa observar com

O genial detetive, impaciente com as mulheres, é o herói de 46 romances e 16 livros de contos do autor

que firmeza ele é capaz de erguer uma caneta para assinar o recibo de um polpudo pagamento de honorários.

Quando algum caso entregue a Nero Wolfe exige que sejam mobilizados outros auxiliares, o gordo contrata os serviços do detetive particular Saul Panzer (e eventualmente também seus colegas Fred Durkin e Orrie Cather).

Frequentemente, os caminhos das investigações realizadas pela equipe de Wolfe se cruzam com os caminhos da ação policial e os detetives particulares enfrentam atritos desagradáveis com o inspetor Fergus Cramer, o tenente George Rowcliff e o sargento Purley Stebbins. Wolfe considera o inspetor Cramer um policial limitado, rude e bronco; aprecia, contudo, sua honradez. Num dos livros - intitulado *Discurso fatal* (no original "The silent speaker") - Cramer é considerado "mole" demais no trato com Wolfe e é afastado de seu posto. Mas Wolfe infere a vida do inspetor Asch, que substituirá o outro, e consegue fazer Cramer recuperar sua posição.

O esquema adotado nas numerosas narrativas de Rex Stout se baseia nas extravagâncias de Wolfe, tido e assumido como um gênio. O próprio Wolfe esclarece, num dos primeiros romances: "Conheço a técnica da excentricidade. De que serve um ser humano se dar ao trabalho de criar fama de original e extravagante se depois, à menor provocação, vier a se comportar como um indivíduo normal?".



Wolfe põe os outros a trabalhar para ele, recolhe todas as informações que considera necessárias, compara as diferentes versões e, depois de ter chegado à sua conclusão, manda Archie Goodwin reunir as pessoas envolvidas no caso em escritório, instalado no andar térreo do casarão de cor marrom. Então, diante da plateia, encena o seu teatro, soluciona o problema, aponta o culpado e o entrega à polícia.

A trama nem sempre é das mais engenhosas e às vezes se encontram nas histórias elementos pouco convincentes. O escritor, no entanto, consegue sempre divertir seus leitores, graças ao charme do gordo protagonista.

Um dos elementos da personalidade de Wolfe que deixam o público leitor norte-americano embasbacado é a "cultura". O detetive lê Montaigne, sabe de cor a "Ode a uma urna grega" (de Keats) e fala oito idiomas. Outro elemento destinado a fascinar Tio Sam é o ideário liberal do detetive, que combina o individualismo com o respeito pela Constituição; o egoísmo inerente à condição humana com o acatamento às normas legais. Wolfe repele "a intolerável doutrina segundo a qual o ser humano só tem responsabilidade em face de seu ego"; e, com certa candura, explica: "Essa era a doutrina de Hitler".

No romance *A montanha negra* (no original, "The black mountain"), para prender o assassino de seu amigo Marko Vukcic, Nero Wolfe faz uma viagem à região onde viveu sua família e onde ele mesmo passou sua infância (entre a Iugoslávia e a Albânia); lá, enfrenta policiais iugoslavos corruptos e albaneses laiaios dos soviéticos. Em conta-

to com um amigo italiano recorda um momento de sua vida no qual escapou por pouco de ser liquidado por dois militantes fascistas. De passagem, menciona o ditador espanhol Franco e o senador direitista norte-americano Joseph Mc Carthy como políticos odiosos.

Em *Nero Wolfe contra o FBI* (no original, "The doorbell rang"), o obeso investigador se recusa a receber em sua casa o famigerado Edgar J. Hoover, porque o dirigente máximo do FBI e grande perseguidor de comunistas adotara medidas contra uma senhora rica, de convicções democráticas, que distribuiria várias centenas de exemplares do livro de Fred Cook sobre o FBI. Wolfe recusa, portanto, a repressão ao comunismo, em sua forma exacerbada. Ele próprio, contudo, deixa transparecer sentimentos fortemente anticomunistas. Num conto intitulado "Home to roost", isso fica claro, quando Wolfe investiga a morte de um jovem que teria traído o Partido Comunista e teria sido assassinado por um membro vingador da organização. Wolfe trata de averiguar quem, entre as pessoas que poderiam ter envenenado o moço, pertenceria ao partido. E compara o comunismo a um câncer: "Qualquer um pode ser um comunista; tal como qualquer um pode ter um carcinoma oculto".

De certo modo, o escritor Rex Stout foi atingido pelos ventos da "guerra fria". Pressionado pela onda de repressão desencadeada pelo espírito do "mac-carthysmo" (vale a pena ler o livro de Argemiro Ferreira sobre o assunto) e, ao mesmo tempo, assustado com a ação dos comunistas, ele conseguiu preservar sua independência, sua integridade, mas nem sempre pôde

manter uma atitude de suficiente perspicácia: por isso atribuiu à Iugoslávia uma corrupção generalizada, viu os albaneses como laiaios dos soviéticos (a divergência política entre eles se tornou evidente, em seguida) e comparou o comunismo a um carcinoma.

Em 1960, porém, nos anos de Nikita Khrushov, as condições da política internacional já permitiam que se atenuassem as tensões, diminuiam o risco de uma conflagração mundial e proporcionavam uma situação mais favorável para o observador se distanciar dos mitos propagandísticos mais ferozes, tanto favoráveis como hostis ao comunismo. E essa foi exatamente a época em que Rex Stout escreveu o romance *Clientes demais*, que a Companhia das Letras está editando agora entre nós.

Em *Clientes demais*, Nero Wolfe se vê às voltas, não mais com comunistas ou anticomunistas, mas com seres poderosos e endinheirados. O gordo detetive não confia, em geral, nesse tipo de gente. Num romance de 1940 (*A herança de um crime*; ou, em inglês, "Where there's a will"), Wolfe já tinha se manifestado contra as facilidades de obtenção de fortuna através da herança e a favor de um "imposto de 100%

Nesta aventura, Wolfe se vê às voltas com seres poderosos e endinheirados, gente que não aprecia nem um pouco

sobre os bens herdados". Num conto de 1955 ("Immune to murder"), ele observava uma disputa entre dois milionários e comentava, com asco, para Archie Goodwin: "É um espetáculo do pleistoceno... Uma luta entre hienas com dentes de sabre". A trama de *Clientes demais* volta a nos apresentar o investigador em contato com seres humanos de coração endurecido, envolvido por uma couraça de dólares.

Nero Wolfe não aprecia os ricos, porém precisa tê-los como clientes, para arcar com os elevados custos de manutenção da sua casa, de seus empregados e de suas orquídeas ("concupinas: parasíticas e temperamentais"). Quando os clientes custam a aparecer, o ambiente do casarão marrom fica tenso. Neste livro, entretanto, os clientes aparecem - e são muitos.

O vice-presidente de uma grande empresa - a Continental Plastic Products - é assassinado. Sua viúva contrata o investigador para identificar o assassino. O presidente da companhia o contrata para preservar os inte-

resses da firma. E o casal Perez contrata Archie Goodwin para apurar quem matou sua filha, Maria. Pára no ar o risco de que os interesses de um cliente colidam com os dos outros.

O falecido vice-presidente da Continental Plastic Products mantinha um apartamento para orgias. O casal Perez era o zelador: eles tinham a incumbência de cuidar do local, uma espécie de "garçonnière". A filha do casal, a bela Maria, desenhava as moças que iam encontrar o lúbrico proprietário. Um dia, o milionário de vasso é morto; depois, o assassino também mata Maria. Nero Wolfe capta a confiança do casal Perez, que é portorriquenho, conversando com eles em sua língua: o Espanhol. De posse dos desenhos da jovem, Wolfe aperta o cerco em torno dos suspeitos, até desmascarar o criminoso. Que - sintomaticamente - é um milionário.

Por que "sintomaticamente"? O que significa o advérbio utilizado na frase acima? Wolfe ressaltaria, imediatamente, que seu ideário liberal não implica a condenação do fato de um homem enriquecer. E acrescentaria que, a seu ver, nem todos os milionários são pessoas perdidas. As teorias em que se apóia o liberalismo vêm com desconfiança o que lhes parece ser a "fantasia igualitária" do socialismo.

Há, no entanto, na consciência liberal do obeso investigador uma tendência ética que o empurra, empiricamente, na direção de uma certa má vontade estrutural diante dos privilégios, isto é, diante da concentração das vantagens do poder e da riqueza privada. Desde o romance *The rubber band* (que é de 1936), Wolfe recomendava a Archie Goodwin que não confiasse nos personagens "graúdos" que frequentam os círculos palacianos. Dizia: "Em geral, as pessoas que frequentam a Casa Branca cometem um número bem maior de crimes do que o resto da população, proporcionalmente ao número delas". Essa constatação empírica que o personagem fazia - é claro - refletia a reserva que o autor, Rex Stout, sentia em face dos seres humanos que desfrutavam de grandes privilégios. Stout parecia crer que, se alguém concentra em suas mãos um poder excessivo e/ou uma riqueza descomunal, isso sugere que esse alguém só pode preservar sua situação sufocando e reprimindo em seu coração o sentimento maior da solidariedade humana. Quem tem demais, é porque dá pouco.

Esse ponto de vista levava o escritor - sintomaticamente - a contar histórias nas quais (como em *Clientes demais*) o criminoso era, não o mordomo (como em tantas novelas policiais), mas o rico.